

## Seu País

# Trabalhador a preço de banana

**ENTREVISTA** Nem a mão de obra brasileira é cara nem a CLT é antiquada, afirma o economista Marcio Pochmann

A SERGIO LIRIO

**N**o fim da noite da quarta-feira 28, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado aprovou o texto da reforma trabalhista. O projeto segue agora para o plenário em regime de urgência e deve ser votado antes do recesso parlamentar, a partir de 17 de julho. É uma tentativa de Michel Temer, acuado pelas denúncias de corrupção, mostrar serventia ao poder econômico e se manter no poder. O argumento que embasa a reforma é o mesmo que tem sido usado para atacar o arcabouço legal praticamente desde que Getúlio Vargas, no início dos anos 1940, reuniu todas as regras existentes na Consolidação das Leis do Trabalho. Um dos maiores especialistas brasileiros no tema, o economista Marcio Pochmann aponta as falácias dos argumentos contrários à CLT. O trabalhador nativo não é caro, afirma na entrevista a seguir. Ao contrário. Atualmente a mão de obra chinesa custa 16% mais, enquanto o custo de um empregado nacional corresponde a apenas 17% daquele de um similar nos Estados Unidos. “Nosso problema neste momento é de demanda. O Brasil está sem rumo”, resume o professor da Unicamp e presidente da Fundação Perseu Abramo.

**CartaCapital:** Os indicadores da economia não são nada animadores, apesar da tentativa do governo e da mídia



O problema do Brasil não é a CLT, diz Pochmann

alinhada a Michel Temer de vender o mesmo. O que é possível afirmar sobre a situação do Brasil neste momento?

**Marcio Pochmann:** O movimento de recessão iniciado a partir de 2015 constitui-se no terceiro período desse tipo no Brasil urbano e industrial. Primeiro, enfrentamos a recessão de 1981 a 1983. A segunda ocorreu entre 1990 e 1992. De certa maneira, existem pontos comparáveis. Em todos esses momentos houve uma

**Até 2014, o custo do emprego no Brasil equivalia a um terço daquele dos EUA. Hoje é 17%**



queda profunda do nível de atividade, seguida de uma breve recuperação e de um novo mergulho da economia. Quando se olham os indicadores deste ano, tudo indica que paramos de cair. Talvez o Brasil cresça um pouco acima de zero em 2017, mas nada permite apostar em uma recuperação consistente de agora em diante. O aumento das exportações e a produção agrícola foram dois elementos importantes para uma certa reanimada.

**CC:** Efeitos momentâneos...

**MP:** Sim, ao que parece. A política econômica aposta na contenção das despesas públicas, principalmente por meio da PEC do Teto dos Gastos. O Estado não poderá dar a sua cota para tirar o País da recessão.

**CC:** E o setor privado?

**MP:** O sistema bancário enfrenta dificuldades na área de crédito. As famílias continuam endividadas. A taxa real de juros



permanece extremamente alta, pois ao corte da Selic corresponde um recuo da inflação, provocado em grande medida pela recessão. Não descarto a possibilidade de um novo recuo do PIB no próximo ano.

**CC:** A promessa dos apoiadores do *impeachment* era de que a derrubada de Dilma Rousseff imediatamente estimularia a confiança dos empresários e reacenderia o "espírito animal" dos investidores. O que aconteceu?

**MP:** Como ter confiança? As reformas em tramitação no Congresso prolongam a insegurança jurídica. Vamos partir do pressuposto de que teremos eleições no próximo ano. As reformas estarão na pauta do debate eleitoral. Quem garante que o vencedor em 2018 não vai reformar as reformas? Tenho conversado com muitos empresários e eles expressam preocupação com, por exemplo, a lei de terceirização.

Muitos consideram o texto ruim, mal elaborado. E se perguntam se sua adoção não vai gerar um contencioso para o futuro, se um próximo presidente revisar a legislação. Não vejo como as reformas garantirão a previsibilidade necessária para estimular os investimentos privados.

**CC:** Por que a terceirização não é considerada suficiente pelas grandes empresas?

**MP:** A terceirização é uma reforma trabalhista, pois abre uma série de possibilidades de universalizar a forma de contratação através da terceirização. Isso vai atender, certamente, a demandas relacionadas a empregadores no setor público e para pequenas, no máximo médias empresas. No caso das grandes companhias, a terceirização avançou muito nos últimos anos. Há casos, inclusive, de corporações que voltaram atrás no processo. A

**Em queda.** Um empregado no País custa menos do que um funcionário chinês, símbolo mundial de exploração

terceirização responde a problemas concretos. No setor público, por causa da crise fiscal, prefeituras trocaram os concursos públicos por licitações para, entre outros casos, contratar professores pelo menor salário. A grande empresa precisa de algo diferente, daí a proposta que altera mais de 300 dos pouco mais de 900 artigos da Consolidação das Leis do Trabalho.

**CC:** A CLT é mesmo tão antiquada, a ponto de ser eliminada ou totalmente reformada?

**MP:** Desde a consolidação das leis trabalhistas em 1943, quase 90% dos artigos da CLT foram modificados. A legislação brasileira é coetânea daquela dos Estados Unidos e da maioria dos países da Europa. Não tem nada de diferente. É estranho o argumento de que a CLT é antiga e ultrapassada. O direito do trabalho no Brasil é dos anos 1930. O direito à propriedade privada é de 1850, mas ninguém diz que ele perdeu a função. Muitas das mudanças importantes experimentadas no mercado de trabalho passam ao largo da legislação e, basicamente, têm a ver com as relações no setor de serviços.

**CC:** Que tipo de mudanças?

**MP:** Com o avanço da Tecnologia da Informação, o trabalho tornou-se portátil, pode ser realizado fora dos locais para os quais havia sido erigido o direito. No passado, a jornada começava quando o empregado chegava à fábrica e batia o cartão de ponto, e terminava quando ele saía de lá. Hoje é diferente. É possível exercer as funções fora do local de trabalho. A CLT não podia prever a revolução tecnológica. O mais importante seria incorporar às leis a mediação dessas novas realidades.

**CC:** O trabalhador brasileiro é caro como se diz?

## Seu País

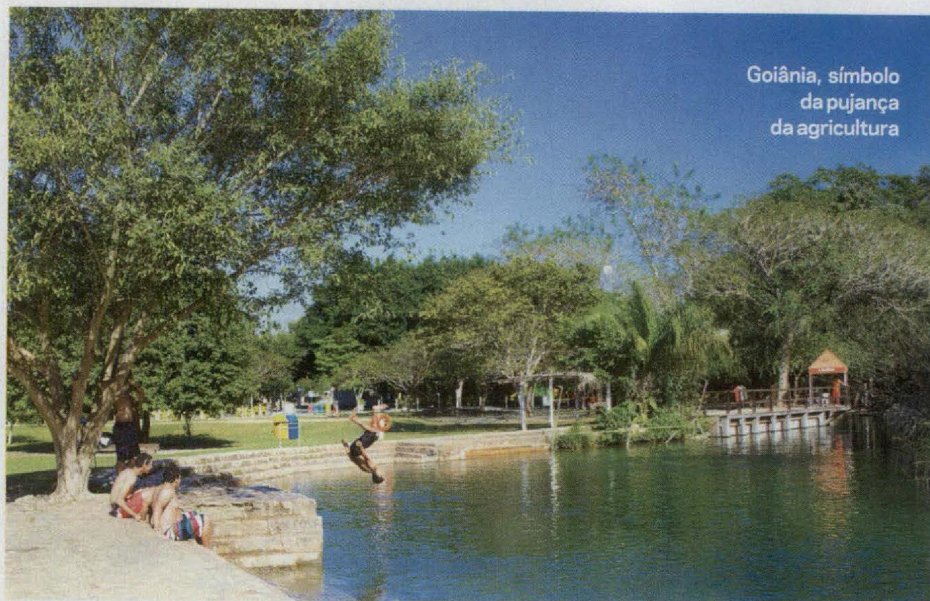
**MP:** O custo do trabalho no Brasil até 2014 era 20% maior do que na China. Repetia-se o mantra de que era impossível competir com os chineses por causa disso. A partir de 2016, a mão de obra na China passou a custar 16% mais do que aqui. Igualmente, até 2014, um trabalhador brasileiro custava um terço do equivalente nos Estados Unidos. Atualmente, vale 17%. Não há, portanto, como aceitar o argumento do custo alto da nossa mão de obra. O problema da economia é a falta de demanda no mercado interno. O Brasil está sem rumo, os empresários não sabem o que fazer. Na última década, com as mesmas regras trabalhistas em vigor, geramos milhões de empregos com carteira assinada.

**CC:** O quanto as desonerações fiscais promovidas pelo governo Dilma foram responsáveis pela crise econômica?

**MP:** Houve uma reorientação da política econômica a partir de 2011. Gradualmente, esse novo rumo piorou o ambiente, até chegarmos à recessão pelas mãos de Joaquim Levy, que havia quebrado o Rio de Janeiro e foi convocado para aplicar o mesmo modelo no plano nacional. A política anterior, no governo Lula, de estimular a demanda agregada, consumo e investimento, começou a apresentar limites em 2008. Gerava renda para os indivíduos, mas sem reação do setor produtivo. Isso levou ao aumento das importações e a um rombo no saldo comercial dos produtos manufaturados. A reorientação sob Dilma tentou, de certa maneira, transitar para uma política de oferta agregada. As desonerações entram nesse contexto. Com custo menor, em tese as empresas investiriam mais e cortariam preços. Não aconteceu. E houve ainda o resamento dos preços administrados.

**CC:** Da Petrobras, entre outros.

**MP:** Sim. A contenção dos reajustes dos preços dos combustíveis provocou sérios problemas para o caixa da petroleira. Foi parecido no caso do custo da energia elétrica, agravado pela seca no período, que esvaziou os reservatórios das hidrelétricas.



Goiânia, símbolo da pujança da agricultura

### O Brasil precisa “se interiorizar, pensar em uma expansão para o Oeste”

Essas benesses não foram repassadas aos preços. Acabaram incorporadas à margem de lucro dos empresários.

**CC:** O que o próximo governo terá de fazer para reencontrar o caminho do crescimento?

**MP:** É difícil prever. Sem querer ser otimista em excesso, acredito que o Brasil sempre se moveu em momentos de crise, de recessão. Não faço aqui um juízo de valor, se os movimentos foram bons ou ruins. A recessão dos anos 1980 preparou o País para as exportações. A queda do PIB no governo de Fernando Collor levou às privatizações do período Fernando Henrique Cardoso. O complicado é saber o que esta recessão vai provocar, pois é a mais grave da nossa história, quase 10 pontos percentuais de redução do Produto Interno Bruto *per capita*.

**CC:** O que o senhor indicaria?

**MP:** O Brasil precisa se reindustrializar, mas não só. Precisa se interiorizar, pensar em uma expansão para o Oeste. Cinco séculos após a descoberta do País, continuamos colados ao litoral. Ao contrário do que muitos defendem, acho importante criar novas cidades e não reduzir o número delas. Os chineses criaram sete novos municípios e ancoraram ali seu salto econômico.

**CC:** Não temos muitas cidades financeiramente insustentáveis?

**MP:** De fato, 26% dos municípios são “cidades fantasmas”: não têm arrecadação ou população. Em geral, trata-se de áreas agrícolas com atividades econômicas que não se sustentam. Para funcionar é preciso acoplar uma política de estímulo à interiorização dos serviços. Por que tantos médicos não se mudam para o interior, apesar das ofertas polpudas de salários? Por conta da falta de boas escolas, de lazer, de restaurantes... Outro ponto: os casais têm cada vez menos filhos. O País vive uma transição demográfica, os habitantes ficam mais velhos. Temos de aceitar essa tendência como inevitável? Não. Várias nações estimulam a elevação do número de filhos. Para um país continental como o Brasil, 230 milhões de habitantes são suficientes? Não sei. Ainda estamos em construção, somos uma nação jovem. •